

POLÍTICA, DESEJO: COMEÇANDO A LER *DIÁRIO DA PESTE* DE GONÇALO M. TAVARES

POLITICS, DESIRE: A FIRST READING OF *DIÁRIO DA PESTE* BY GONÇALO M. TAVARES

PEDRO MENESES*
p.ribeiro@uniandes.edu.co

Este artigo visa começar a discutir *Diário da Peste* de Gonçalo M. Tavares, conjunto de textos publicados no *Expresso* entre março e junho de 2020. Equaciona-se o modo como, nesta obra de linguagem elusiva, o autor, a partir de notícias, reflete sobre o dissídio em curso entre a eficiência e o desejo. Problematiza-se também a forma como a política, centrando-se no mínimo vital, descarta a felicidade humana. A partir de *Vigiar e punir* de Michel Foucault, procura-se entender a violência inerente aos dispositivos biopolíticos, ainda que sejam esses mecanismos o cerne do progresso técnico-científico. Discutem-se outras questões filosóficas e políticas a partir da arte, em particular de Bruce Nauman, Boris Achour e Santiago Sierra.

Palavras-Chave: peste; desejo; política; biopolítica; felicidade.

This article aims to start discussing *Diário da Peste* by Gonçalo M. Tavares, a set of texts published in *Expresso* between March and June 2020. It is considered the way in which, in this elusive language, the author, based on news, reflects about the ongoing conflict between efficiency and desire. It also questions the way in which politics, focusing on the vital minimum, neglects human happiness. Based on Michel Foucault's *Discipline and Punish*, we also seek to discuss that the intrinsic violence of biopolitical devices, even though these mechanisms are at the heart of both technical and scientific progress. Other related philosophical and political issues are discussed from Bruce Nauman's, Boris Achour's and Santiago Sierra's art.

Keywords: plague; desire; politics; biopolitics; happiness.

Data de recepção: 2021-01-15
Data de aceitação: 2021-03-02
DOI: 10.21814/2i.3162

* Professor Visitante, Universidade los Andes, Bogotá, Colômbia. ORCID: 0000-0001-7856-9166.

...but existence is believing
 We know for whom we mourn and who is grieving.
 — W. H. Auden

Pobres das flores nos canteiros dos jardins regulares.
 Parecem ter medo da polícia...
 — Fernando Pessoa / Alberto Caeiro

1. Pantera cor-de-rosa e necessidade interior

Diário da Peste de Gonçalo M. Tavares foi publicado durante 90 dias consecutivos no *Expresso on-line*. O seu início a 23 de março de 2020 coincidiu praticamente com o início da quarentena em Portugal (18 de março) devido à pandemia de COVID-19 e o seu fim deu-se a 20 de junho. Foi traduzido diariamente e publicado em vários jornais e revistas internacionais, tendo sido editadas antologias na *Granta* (de Espanha e Reino Unido) e na *Times Literary Supplement*.

O ponto de partida de *Diário da Peste* era reagir a uma inédita quarentena global, tendo funcionado como arquivo vivo, pois, além de registar os eventos histórico-políticos marcantes destes meses, também assinalou e desenvolveu perceções e afetos subjetivos. Oscila-se entre o registo de dados e a formulação de derivas reflexivas em que o pensamento acontece: “Diário da Peste como companheiro nos dias duros e nos dias feitos para ver. Necessidade e tensão. E tentativa de documento para que a memória bamba deixe um vestígio mais claro” (Tavares, 2020y). A força do exterior, anulando em parte a imaginação e o pensamento, solicita presença para tentar compreender a realidade, o acidente que, na modernidade, em sincronia, mais se repercutiu pelo mundo: “Por vezes, o dia é mais forte no exterior e por vezes mais forte na cabeça. Nestas semanas de 2020 os factos ganharam valor, comprimento, largura e altura” (Tavares, 2020t). Os factos exteriores são, por vezes, muito mais fortes do que as ideias na cabeça e ocupam significativo espaço da existência. Refira-se de passagem que, a partir do território textual de Tavares, poderíamos considerar que o pensamento, nos tempos de calma, é um luxo, sim, mas ética, moral e intelectualmente indispensável.

Nesta obra, reconhecemos o movimento de continuar lendo o mundo a partir de ideias centrais do território textual. A propósito, recupero uma comparação pregnante de Gilles Deleuze e Félix Guattari entre a produção do grande escritor e a atividade da pantera cor-de-rosa:

A Pantera cor-de-rosa não imita nada, não reproduz nada, pinta o mundo da sua cor, cor-de-rosa sobre cor-de-rosa, é o seu devir-mundo, de maneira a tornar-se ela própria imperceptível, assignificante, fazer ruptura, a sua linha de fuga, levar até ao fim a sua “evolução aparalela”. (Deleuze & Guattari, 2007, p. 31)

Diário da Peste evidencia a potência das linhas de força de uma escrita cuja voragem logra a imperceptibilidade com que o mundo se torna presente e sentido. Cria um plano de intensidade com ritmo acelerado e grau de delírio análogos aos da própria realidade. Corrente elétrica por onde a vida pode passar, avultando a experimentação sem peias, sul através do qual se sente e pensa o sofrimento do mundo. Constata-se que os contornos do diagnóstico civilizacional que o território textual delineava se tornaram mais vincados com a atual circunstância histórica. Ou seja, estas entradas diarísticas, nas quais se elabora uma crítica política e ética da civilização ocidental e da vida

quotidiana, permitem expandir temas como modernidade, técnica, corpo, dialética homem/animal, cidade, política, desejo. A ideia deste artigo é começar a discutir o *Diário da Peste* mostrando como a peste está no cerne do conceito da modernidade e explanando reflexões e imagens de teor político e ético provocadas por esta experiência radical.

Esta obra faz uma grande angular sobre o impacto político, histórico, social, filosófico, da pandemia, sem comparações quanto à forma como diferentes países a enfrentaram. Apesar disso, o caso italiano parece ter gerado uma inquietação de tal modo intensa que apenas o exercício intenso de escrita teria podido contrariar:

Um presidente de câmara italiano junta as mãos a pedir para as pessoas não saírem de casa.
Parece rezar, pedir piedade e dar uma ordem - tudo ao mesmo tempo.
Um médico italiano diz que não entende por que vão cabeleireiras a casa das senhoras arranjar-lhes os cabelos.
Diz que os caixões vão fechados, que ninguém vai ver os cabelos delas penteados.
Diz isto de uma forma violenta.
Fico calado.
E continuo calado (Tavares, 2020a).

Não existem demasiadas referências à esfera mais íntima do autor, se excetuarmos a partilha declarada de conversas sobre temas não demasiado pessoais com amigos e tradutores (e com o pai, uma vez). Quando não está centrado nos acontecimentos de cada dia, citando e interpretando notícias sobre a pandemia, este diário cria breves ficções ou rascunhos ficcionais. Primordialmente, *Diário da Peste* dissecar o acidente – “o que acontece” (Virilio, 2010, p. 21), segundo a etimologia de *accidens* –, esta concentração excessiva de eventos em pouco tempo. O acidente revela a substância, como defenderam Aristóteles e Paul Virilio: “De modo que, tanto para Aristóteles ontem como para nós hoje, se o acidente revela a substância é porque O QUE SUCEDE (*accidens*) é um tipo de análise, de tecnoanálise, DO QUE ESTÁ por baixo de todo o conhecimento” (Virilio, 2010, p. 25). A pandemia analisa a substância do século XXI: os fundamentos morais, técnicos, ideológicos da civilização. É como um apocalipse, termo que, etimologicamente, significa ‘revelação’, ‘tirar o véu’, explica D. H. Lawrence num ensaio sobre o *Apocalipse* de João de Patmos (Patmos & Lawrence, p. 89). A pandemia tirou o véu ao que sempre esteve presente.

O leitor também é colocado ao corrente das leituras que o autor fazia no momento de escrita, tendo sido mobilizadas, para reflexão sobre a atualidade, referências artísticas, literárias e filosóficas como Magritte, Hölderlin ou Virilio, entre muitos outros. A valoração ética e intelectual da leitura é decisiva, usando-se o entusiasmo pelo encontro com notícias, versos, ideias, como combustível urgente para a escrita. Procura-se o ponto de contacto entre pensamento e realidade, sobressaindo lucidez delirante e originalidade: “Cabeça: associações, saltos, cortes; interessa-me o que está ao lado e no lado oposto. Uma qualquer tangente entre o pensamento e o visível” (Tavares, 2020y). O estilo elusivo e vertiginoso de *Diário da Peste*, presente em vários textos do autor (*O Reino* e *I* poderão ser exceções), ajusta-se ao sobressalto então experimentado por milhões de pessoas. Porém, mantém-se o método de escrita, o desvio, a disponibilidade para fazer do acaso matéria de criação e pensamento sobre o atual.

Percebe-se o fôlego físico e mental desta escrita, sem pausas nos fins-de-semana nem nos feriados. A produção do desejo não descansa, é animal carnívoro que impõe a sua ética: “Nada na vida do animal é estética, tudo é urgência e socorro. Tudo é ética, no animal, portanto. Nada nele dá atenção à beleza ou à fealdade” (Tavares, 2020n). A importância ética da escrita só se torna urgente quando não há hesitações – como não hesita nem decide o animal humano faminto diante do alimento. O inadiável animalesco

coloca o selo urgente no importante, na vida que se tem que fazer: “Impossível a salvação dos hesitantes. Ninguém que hesita merece ser salvo. A salvação é dos decididos” (Tavares, 2020w). Tornar o desejo urgente depende da consciência da iminência da morte. Este não-exercício da decisão é sintetizado nesta frase de *Rayuela* de Julio Cortázar: “O simples facto de nos interrogarmos sobre a escolha a fazer vicia e turva o elegível” (Cortázar, 2014, p. 435). A deliberação racional entravaria a voracidade animal, única forma de a ética ser colocada em ação: “Pensar que a necessidade nasce do encontro com o que é necessário, e não antes” (Tavares, 2020u). Esta prática literário-existencial consiste em direcionar a energia que o espanto no tocante ao mundo e as às leituras espoletou para a performance e para o pensamento. A ausência de planos afirma a disponibilidade para o imprevisto, para uma aproximação ao que não se compreende. Com a paciência certa, o acaso explicará o que se quer compreender.

É necessário esforço individual para atuar, estar sempre disponível para começar. Na entrada de 8 de junho, lê-se:

Uma evidente violência física fazer este diário.
Para mim, prova de força e resistência.
Por vezes, um bruto cansaço.
Mas uma necessidade sem obrigação exterior.
E uma tensão de documentar, de assinalar em tempo real o que sucede e se sente. (Tavares, 2020s)

Esta necessidade interior – insubmissa a imposições externas – instiga um atletismo físico e intelectual, reivindicação em exercício da liberdade individual. O exercício de liberdade e de julgamento moral só existe através da ação, da criação: “Diante do acontecimento ficar atento e em pé. Força contra o muito mais forte. Ou estás presente nos dias fortes ou foges. Ou de boca aberta fazes um ohh como som, resposta e pasmo” (Tavares, 2020y). A ação é o único efetivo julgamento, concretização do vínculo entre desejar e desobedecer. Neste contexto histórico, o significado desta frase de Deleuze e Parnet tornou-se ainda mais forte: “Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar os encontros, aumentar a potência de agir, afectar-se de alegria, multiplicar os afectos que exprimem ou encerram um máximo de afirmação” (Deleuze & Parnet, 2004, p. 80). A peste é poder agressivo que diminui muito a potência de agir. No entanto, em nenhum contexto, “é fácil ser um homem livre” (Deleuze), tarefa que exige “força e resistência” (Tavares).

O acontecimento mais relevante de 2020 suspendeu o entretenimento e inaugurou um novo século: “A geração dos humanos com os olhos estupefactos. Uma nova geração dos humanos. Os humanos espantados. O século XXI partido em dois por um vírus. Dois séculos tem este século” (Tavares, 2020c). Humanos pasmados com a interrupção do funcionamento da máquina económica. Isso demonstrou a medida das atividades supérfluas das quais, mais do que possível, é ética e moralmente categórico prescindir: “Nos jornais, diminuíram as páginas dos anúncios de encontros sexuais. Todas as fotos de corpos excitados são antigas. Temos dois meses para actualizar o importante” (Tavares, 2020c).

2. Desejo e mínimo político

A problemática central que pretendo expor resume-se assim: no *Diário da Peste*, compreendemos de que modo a pandemia obriga os Estados a definir uma biopolítica, a proteger a população com um conjunto de práticas sanitárias e sociais, teoricamente

boas e úteis; no entanto, essa biopolítica restringe liberdades, assim diminuindo possibilidades, impedindo a expansão do desejo individual. A pandemia de COVID-19 tornou central a sobrevivência e remeteu a vida não estritamente biológica, animal, para segundo plano.

Em anos recentes, a exigência política tem sido feita justamente em redor do mínimo, da estrita sobrevivência económica.¹ Tavares comenta esta circunstância de forma certa, tendo por base uma notícia em Espanha: “Espanha aprova um rendimento mínimo vital para lutar contra a pobreza. Rendimento mínimo para um cidadão continuar vivo. Só podes votar se continuares vivo: a democracia depende dessa vitalidade mínima do organismo” (Tavares, 2020q). Uma medida pertinente, mas que revela uma obsessão com a vida biológica, parecendo desígnio último das democracias que cada cidadão tenha o mínimo de força para o exercício de voto a cada quatro ou cinco anos. Noutra entrada do *Diário*, observa-se com humor corrosivo: “Um cidadão que pede o mínimo no máximo vai obtê-lo” (Tavares, 2020k).

Em contraponto, poderíamos pôr a hipótese de o desejo ser fundamental para a constituição política de uma sociedade mais livre e sensata. O território textual tavariano é exemplificativo da proliferação de desejo como micropolítica, meio de afirmação ética e moral. Ainda que, para o olhar coletivo, tal liberdade possa ser entendida como insensatez ou irresponsabilidade, o desejo como centro da política constituiria uma política do máximo, da felicidade. Se o fim do sofrimento determina a maior alegria e, também, a maior liberdade, nenhuma organização sociopolítica poderá ser considerada livre se assentar na angústia e no sofrimento (sejam eles provocados por contágios massivos de vírus letais, pela guerra, pela pobreza, pela obsessão com a eficiência económica). O agenciamento impessoal de materiais, característico do desejo, pode vir a tornar-se cuidar de si mesmo; os exercícios e a disciplina individuais – de escrita, leitura, pensamento – preparam para as responsabilidades comuns. Vitalidade máxima com dimensão ética para todos – este poderia ser uma síntese do horizonte utópico da política, segundo Gonçalo M. Tavares. A vitalidade mínima como desígnio político implica, nas classes menos abastadas, dedicar todo o tempo à sobrevivência, ao trabalho mecânico, ao sobre-trabalho; nas classes mais abastadas, implica esbanjar tempo em entretenimento. Na dedicação a esferas não-éticas, o desejo estiola-se e não permite que o tempo ganhe “alegria e tamanho”. A pandemia acentua a declinação vital e revela que, nos últimos anos, “para o poder, o cidadão reduz-se à sua existência biológica”, refere Giorgio Agamben em entrevista (2020, p. 102). Num breve ensaio, afirma inclusive que só uma tirania assenta sobre o medo constante de perder a vida e que os homens já não creem em nada mais além da “nua existência biológica” (Agamben, 2020, p. 41). Capazes de respirar, recebendo “algum pão e algum medo” (Tavares, 2007, p. 89), reconhecem qualidade e até bondade nas políticas públicas. O poder torna-se inimigo da potência, pois emite afetos tristes sobre os corpos, gravidade excessiva que dificulta ou impede o “salto”:

É preciso por vezes experimentar o movimento vertical, o salto.

Guimarães Rosa: “A vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

Nem sempre a curvar-se.

O bicho humano também precisa de saltar e por instantes ganhar alegria e tamanho. (Tavares, 2020i)

¹ É incontornável a referência a Giorgio Agamben, cuja filosofia nos últimos anos se tem debruçado sobre este dissídio em curso na Europa, tendo ela adquirido outra atualidade em crónicas, publicadas no site da sua editora, Quodlibet, escritas como reação à pandemia de COVID-19, que têm gerado muita discussão.

A vida exige coragem para saltar e ser alegre. Guimarães Rosa exclama noutra lugar de *Grande sertão: veredas*: “O vau do mundo é a alegria!” (Rosa, 2014, p. 301). A alegria eleva o chão, permite ao humano não ser tragado por uma vida demasiado regrada e, por isso, violenta. A exigência de coragem – afirmação e desejo – depende da energia que o corpo possa atirar para o mundo – se circunstâncias e vontade individual o permitirem. Em *Atlas do corpo e da imaginação*, usa-se uma imagem forte, recuperada de *Dores do mundo* de Schopenhauer, segundo a qual o Estado tem como função converter o humano num herbívoro: “O Estado não é mais do que um *açaimo* destinado a tornar inofensivo este animal carnívoro que é o homem, e a fazer algo que lhe dê o aspecto de um herbívoro” (citado em Tavares, 2013, p. 130; itálico do autor). A produção insaciável do desejo define o lado mais ‘carnívoro’ no humano. Neste contexto, não se consideram circunstâncias-limite, mas a normalidade em que o medo de morrer se sobrepõe à vontade de viver – o poder cria “herbívoros”, seres satisfeitos porque sobrevivem ou vivem comodamente. Certos momentos críticos, como a pandemia iniciada em 2020, tornam ostensivamente visíveis as prioridades biopolíticas dos Estados e os seus mecanismos opressivos. Esta lentidão, quase desalento, que se pretende inculcar, pela extração da virulência característica da vontade individual, não cauciona a velocidade na esfera política ou nas relações inter-humanas. As democracias impõem um ritmo lento quanto à aprovação de certas leis ou à discussão de temas fundamentais, submetendo-os à lógica da argumentação em vários órgãos eleitos ou de natureza técnica, porque só assim se chegará à decisão mais sensata. Além do mais, a mudança constante de leis, característica dos estados de exceção, coincide com a velocidade própria da violência, potenciando-a, já que provoca mais instabilidade e imprevisibilidade. Do mesmo modo, o outro exige atenção, a qual, necessariamente, é lenta.

Proponho que *Diário da Peste* responde intempestivamente às restrições impostas pelo exterior, que afetaram os ritmos de escrita do autor. A intempestividade e a raiva são energia canalizada para a escrita, evitando que disperse ou estiole, o que redobraría a irritação. Ainda que, no momento atual, seja mais importante não sofrer do que procurar o prazer e ser feliz, o *Diário* não deixa de ser um lamento por um desejo muito limitado pelas circunstâncias, necessitado de mais forças para o seu exercício: “Manter a alegria acima de um certo limite. Abaixo de uma certa quantidade, a máquina pára. Fica cansada e dá um tiro na cabeça” (Tavares, 2020n). Somente quando outra vida chegar será possível o exercício do máximo, da vontade forte. *Diário da Peste* é afirmação do desejo e põe em perspetiva que, em ‘normalidade’, o contínuo estado de crise – económico, político, humanitário, terrorista – já havia instalado a obsessão com a proteção da vida, conduzindo ao olvido dimensões centrais da existência: a felicidade, realização da potência individual. Não é avisado, todavia, pensar-se que a gestão sanitária desta crise poderia ser entregue às vontades individuais, como o próprio autor faz questão de sublinhar (Tavares & Marques, 2020).

Não é estranho, portanto, que nos seja dada a notícia da interrupção do processo criativo, do ‘salto’, a conclusão de uma epopeia extensa, *A peste nos Estados Unidos da América*: “Volto a olhar para o meu livro «A peste nos Estados Unidos da América». Anos nisto: corta, escreve, corta, corta, escreve – e depois observa e corta de novo. Livro longo, epopeia. É preciso estar atento ao mínimo. Por dentro e por fora.” (Tavares, 2020q). A escrita, como se infere, é coextensiva a um trabalho sobre si mesmo. O exercício ético do desejo não parece fundamental para a maioria ocidental, para a qual o mal da pandemia foi ter interrompido o entretenimento, ou seja, as formas de desaproveitar a potência de cada corpo (a tristeza): “Em 2020, o fim do mundo é invisível. O fim do mundo aparece e não o vemos. E nada de essencial altera. Quando

muito adia a performance exterior do mundo. O espectáculo prossegue, mas em 2021” (Tavares, 2020x). A pandemia é continuação de um fim do mundo invisível, aspeto que iremos retomar.

3. Felicidade é desperdício

Para discussão do *Diário da Peste*, creio que é fundamental revisitar o capítulo 7 de *Vigiar e Punir* de Michel Foucault, dedicado ao funcionamento do Panóptico criado por Jeremy Bentham. No início deste capítulo, explica-se como a experiência da peste foi modelar para a constituição da sociedade disciplinar e do progresso técnico europeu nos últimos séculos. A modernidade, normalização legal e técnica de espaços e comportamentos, engendrou-se, segundo Foucault, a partir de um vasto conjunto de procedimentos médicos e sociais e da reorganização urbana adotados pelas sociedades ocidentais para combater epidemias, em particular as dos séculos XVI e XVII. Parte importante do que se entende por racionalidade urbana, administrativa, legal e técnica da Europa – lógica punitiva e excludente das prisões, homogeneização curricular, métodos de avaliação nas escolas e empresas, compartimentação de áreas do conhecimento, gestão quotidiana do tempo em trabalho e lazer – é a extensão cada vez mais eficiente da lógica racional e excludente que a peste obrigou e obriga as sociedades a pôr em prática.

Dissecando um regulamento de finais do século XVII aplicado em Paris quando a peste se declarava, Foucault começa por apontar uma “repartição espacial estrita”, semelhante à executada em dispositivos disciplinares: todo o espaço é mensurado, a cada um é atribuído um lugar, um quadrado (como acontece na prisão, na escola, na fábrica...). Durante uma quarentena, estabelecem-se interdições quanto à mobilidade, são eliminados movimentos inúteis, os que não se relacionam com a sobrevivência (alimentação, saúde, higiene): “Se for absolutamente necessário sair de casa, isso deve ser feito por turnos e evitando qualquer encontro” (Foucault, 2013, p. 225). Através de leis, normas, medidas, pretende-se criar espaços de vigilância constante.

Diário da Peste revela uma sensibilidade grande em relação ao sacrifício – entendido como exposição alta ao perigo e à morte – que uma tragédia desta ordem implica para muitas pessoas em situação delicada. Com o exterior fechado, previsível e marcado, a casa reduz-se a uma máquina análoga ao organismo, pois entra comida enquanto restos são evacuados. É reduzida à funcionalidade mais básica. Para que tal suceda, é central que muitas pessoas façam um trabalho discreto, porém essencial: “Leva o lixo e fala ao telefone. Fala castelhano mas pelo acento não é espanhol. Parece telefonar para casa. Empurra um carrinho de lixo e fala com a família. Será que vai dizer que está a empurrar lixo? É o único homem que se vê na rua.” (Tavares, 2020i). Expostos ao perigo, num momento em que a maioria das pessoas não podia sair de casa, tais heróis invisíveis evitam que as casas se tornem inabitáveis pelo cheiro nauseabundo, e, assim, que as pessoas se matem umas às outras. Em geral, este trabalho não é valorizado, mas sem ele, sobretudo neste contexto histórico, as cidades não funcionariam minimamente. O lixo é o que corpo e casa desperdiçam; tudo o que seja pouco funcional é para pôr longe, segundo a organização da cidade.

De certo ponto de vista, também alegria e amor são desperdício: “Desta forma o prazer e de certa maneira a felicidade individual podem tornar-se alvos de ataque do colectivo. *Ser feliz é desperdiçar*, poderemos dizer, *ser feliz é de uma inutilidade colectiva quase obscena* (sejamos provocadores)” (Tavares, 2013, p. 301; itálicos do autor). No mesmo fragmento do *Atlas*, cita-se uma definição de ‘excremento’ de

Fernando Savater: “Excremento, explica ainda, ‘é o que está fora do seu sítio, num lugar que não lhe corresponde, onde nem rende nem se faz render, estéril, mas teimosamente presente” (Tavares, 2013, p. 301). O que está fora do xadrez da funcionalidade e da sobrevivência, o que está deslocado, é excrementício, assim como quem não produz. Dejetos persistentemente fora do lugar constituem uma obscenidade coletiva; que a felicidade ética possa ser entendida desta forma elucidada quanto à perversidade de alguns desígnios do absoluto social.

Se as pessoas sobrevivem, no Ocidente, em casas nas quais entra comida e sai o inútil, então talvez possam prescindir definitivamente dos outros, incluindo dos amigos. No fim desta crise sanitária, o humano adorará mais a autossubsistência, tornar-se-á lobo:

O centro ocupa tudo; na urgência o Estado torna-se bunker paterno.
E percebemos isto nas primeiras semanas de março e abril: casa bunker; a comida entra por um lado e os dejectos saem por outro. E isso basta.
Quando o humano entende isto torna-se lobo e já não há regresso.
Nem do amigo necessitas. Muito humano vai sair de 2020 predador e carnívoro. (Tavares, 2020y)

Retomemos a leitura de Foucault: “Espaço segmentado, imóvel, fixado. Cada qual está fixo no seu lugar. E no caso de se mexer, corre risco de vida, de contágio ou punição” (Foucault, 2013, p. 226). A errância é punida, por vezes com a morte, durante os períodos de peste. Foucault discute inclusive a “eliminação de todos os animais errantes” (Foucault, 2013, p. 225): erradica-se, também, por medo da desordem, o errante existente no animal humano. A violência pode nascer da vontade de corrigir, de tornar reto. A experiência da peste criou uma máquina de traçar linhas retas potencialmente fascista: “O instinto fascista vem de uma necessidade paranóica de arrumação do espaço e das coisas. Diante do aumento da confusão e da desordem, esse instinto ganha ânsia e excitação” (Tavares, 2020v). No *Diário*, existe o pressentimento lúcido de que o pior se aproxima, dado que alguns Estados poderão aproveitar esta circunstância para prolongar indefinidamente o estado de exceção. Diante do imprevisto, tem sobrevivendo uma força de reordenação violenta. O Estado torna-se bunker que protege, dando instruções: cada cidadão deve tentar sair de casa só quando for inevitável, deve cumprir normas de distanciamento social, executar rituais de segurança quando entra num novo espaço, desinfetar ou pôr de quarentena objetos trazidos para casa de outros espaços, suspeitos de algum contacto imoral:

Em Londres drones quase discursam na altura do baixo céu.
O baixo céu é o céu a que as máquinas têm acesso.
Os drones dizem numa gravação:
Só deve sair de casa por questões de saúde, alimentação, etc.
Uma gravação bem extensa de recomendações de segurança.
Lembra as instruções de funcionamento de uma máquina.
Mas aqui são instruções de uma máquina para os humanos funcionarem. (Tavares, 2020f)

A receção contínua de instruções – veredictos, pequenas sentenças de morte – aproxima o humano da máquina, funcionando no interesse da preservação da espécie. Em troca do cumprimento das instruções, o cidadão quase exige a imortalidade ao Estado (Groys, 2008). Alegria que, note-se, está vedada à máquina, cujo máximo é o “baixo céu”, horizonte comum a todos os humanos em quarentena. Existe um contraste entre instruções (teoricamente exatas) para sobreviver e instruções (impossíveis de sistematizar, formular) para viver: “Imagino um terrível telegrama, antigo e contemporâneo: aguardamos instruções do Estado para nos aproximarmos da alegria”

(Tavares, 2020j). A alegria parece ter sido proibida por um Estado excessivamente dedicado a normalizar comportamentos para conservação da saúde pública. Fragmentos do *Atlas* denunciam, a partir da filosofia de Fernando Savater, a ficção inerente à expressão ‘saúde pública’:

Claro que a doença individual pode passar de um para outro, mas não encontramos nunca na vida real, concreta, essa coisa de doença pública: vinte mil pessoas doentes com a mesma doença não são uma doença com vinte mil alíneas, são vinte mil doentes, separados uns dos outros (Tavares, 2013, p. 303).

Tornou-se mais evidente em 2020 que o Estado – em geral – se imiscui na saúde pública, porém não tanto na felicidade individual, como se pode ler neste passo sarcástico de *Uma viagem à Índia*:

Somos muito felizes. Nas análises, a urina
nada acusa, e o sangue não é tirado à força com uma espada
como acontecia nas batalhas de séculos anteriores;
o sangue agora sai através de uma finíssima agulha
trazida por uma enfermeira obesa.
O Estado preocupa-se com a tua saúde
e, progresso enorme, manda as boas-festas pela televisão. (Tavares, 2010, p. 228; V.57)

Como salientado, o Estado entende a saúde, essencialmente, de um ponto de vista fisiológico: que as pessoas não morram. Se isto já é o habitual em normalidade, mais o é durante uma pandemia. A atenção dos Estados dirige-se também para a criação de indivíduos dóceis e úteis: “É evidente que um discurso céptico sobre a questão do peso do prazer na saúde poderá dizer: *não se morre de infelicidade*; e tal, sendo verdade, não deixa de revelar a fixação da saúde exclusivamente na relação com a morte” (Tavares, 2013, p. 299; itálicos do autor). O cidadão perfeito seria a pedra quieta e obediente, sem movimentos individuais. Não há réguas coletivas que permitam medir objetivamente as sensações fisiológicas da felicidade; em parte, isso explicará o desinteresse do Estado por quem sofre, afirma-se no *Atlas*, não sem algum lamento. Como vemos, é recolocada, de novo, a questão do mínimo vital para que a sociedade avance sem sobressaltos. No entanto, o corpo quer expandir-se, ligar-se a pessoas, objetos, atividades, o humano não é apenas carne potencialmente contagiosa. Para Gonçalo M. Tavares, na linha da filosofia estoica, a felicidade é a dedicação aos seus próprios assuntos, ao treino intensivo na escrita, na leitura e no diálogo. Uma síntese de Peter Sloterdijk (2018: 500) esclarece: “Os homens não habitam territórios, mas hábitos”. Fazer-se ética e moralmente está muito mais relacionado com o tempo do que com o espaço; habitar é mais ‘ter certos hábitos’ do que viver sempre no mesmo lugar. Mas o contexto não é favorável ao fazer-se, nem a aprender: “No diário de Pavese: aquele que não aprendeu, sucumbe. E digo: aquele que sucumbe não pode continuar a aprender. Precisamos de outra vida, claro. E ela virá” (Tavares, 2020v). A citação de Pavese é interpretada para além da enunciação do exercício como salvação, dado que se põe em perspetiva que a privação da liberdade individual não permite, ou condiciona bastante, a aprendizagem. Medidas políticas muito restritivas entristecem, diminuem o entusiasmo que aprender solicita e aumenta (aprende-se sobretudo com sensações de bem-estar e alegria associadas, portanto, não através da dor).

O *Diário da Peste* usa a metáfora do xadrez para explicar o modo como a porção do espaço que não está interdita é quadriculada, organizada ao centímetro:

Na rua, jogo de xadrez.

Cada pessoa pára ou avança ocupando um quadrado imaginário.

“Cada um no seu quadrado” – canção kitsch brasileira.

Cada um no seu quadrado a ser totalmente livre no seu quadrado a ser totalmente livre no seu quadrado.

O artista Bruce Nauman a rodear o perímetro de um quadrado com o seu andar lento e levemente perverso.

Como um animal a marcar território com os pés. (Tavares, 2020l)

Na rua, ninguém quer interferir na esfera de oxigénio do outro, efêmero exército de ar. Assinale-se a apropriação da arte – a performance de Bruce Nauman de 1968, registada em vídeo e intitulada *Walking in an Exaggerated Manner Around the Perimeter of a Square* – para colocar questões prementes relacionadas com a vida, prática semelhante ao *détournement* situacionista, segundo o princípio de desvio de uso das obras de arte para nova criação artística e reflexão sobre a vida (e não para a contemplação passiva, nem para o espetáculo). Cada cidadão, como Nauman, caminha pela rua com zelo excessivo, como se tivesse desaprendido o andar, com medo de morrer ou magoar o outro. A menos de dois metros de distância, o cidadão honesto converte-se em potencial carrasco ou moribundo. Neste espaço dividido segundo a necessidade de salvação, estabelecidos limites métricos a partir dos quais começa o medo ou tranquilidade, a figura do cavalo é central, porque, no xadrez, pode saltar e sobrevoar todas as outras peças em qualquer direção: “Lembro-me do elegante movimento do cavalo que passa por cima dos obstáculos sem morrer e sem matar. Em vez da arte do voo, a arte do cavalo – eis o pedido ao Nosso Senhor destes Dias” (Tavares, 2020l).

A necessidade de salvação confunde-se com abjeção pela mistura, um dos efeitos da racionalização – de *ratio*, medida, razão – obsessiva destes dias: “Aqui é o lugar do bem; ali, o do mal. Geografia e ética bem claras para não existir dúvida alguma na cabeça consciente de um vivo. Aqui bem, ali mal” (Tavares, 2020p).² Comenta Foucault (2013, p. 227): “Contra a peste que é mistura, a disciplina impõe o seu poder que é de análise”. Um controlo permanente exercido sobre o espaço e os movimentos tem por efeito a extração da coragem e da vontade de viver. Foucault conta como se criou um imaginário literário em torno da desordem e da mistura provocadas pela peste, por exemplo na obra de Antonin Artaud: a peste emanciparia o indivíduo de uma vida demasiado limitada por horários e regras, fazendo emergir o mais virulento em cada um, libertando energias criativas. A partir de experiências da peste, também se criou um perverso “sonho político”: “as divisões estritas”, “a penetração do regulamento até nos pormenores mais ínfimos da vida e por meio de uma hierarquia completa que assegura o funcionamento capilar do poder” (Foucault, 2013, p. 229). Máquina assente no controlo ínfimo, que tem acentuado, um pouco por todo o lado, outro tipo de segregações (por exemplo, as raciais, de que o caso de George Floyd poderá ser ilustrativo). Leia-se esta observação premonitória do início do *Diário da Peste*: “Eu sou um humano, diziam cartazes que alguns negros nos anos 60 do século XX traziam pendurados ao pescoço. Imaginar milhares de pessoas na rua com esse cartaz em 2020. Eu sou um humano” (Tavares, 2020e).

Na modernidade, são arquivados os desvios ao bom funcionamento biopolítico: doenças, crimes, processos disciplinares (na escola, no trabalho...), mortes (desvios definitivos). A máquina biopolítica, em 2020 tão ativa, de obediência a regras estritas, anula subjetividades ao fabricar, difundir e impor comportamentos e identidades. Pelo

² Com alguma provocação, Agamben, num artigo denominado “Esclarecimentos”, questiona se, mais do que medo do outro, não se devia ter medo daquilo que o medo pode provocar (Agamben, 2020, p. 34). Desde logo, segrega, cancela o outro.

meio da caracterização minuciosa do dispositivo panótico, Foucault faz uma observação a respeito dos Gregos, cuja filosofia o ocupará mais durante as décadas de 70 e 80: “Somos muito menos gregos do que imaginamos” (Foucault, 2013, p. 249). Porquê esta referência, sem explicação ou contextualização? Talvez porque tenhamos desistido de procurar a liberdade como a filosofia grega o fazia e concebamos o conhecimento como mera teoria: separamo-lo artificialmente da vida, da qual ele poderia ser princípio ativo: “A obediência, acrescentando-se, é um olhar para fora, um olhar primeiro para o Outro, para os Outros; a obediência ‘afasta uma pessoa do seu interior’, escreve Arno Gruen” (Tavares, 2013, p. 80). Ainda que para efeitos de preservação da saúde individual, obedecer era, para os estoicos, servidão. Não são nossos assuntos o emprego, os cargos, as propriedades, as honras, nem sequer o próprio corpo. Obedecer implica desatenção ética e moral. Desobedecer é aparente indisciplina que pode constituir, afinal, os mínimos morais e éticos para uma sociedade livre, na qual cada um se ocupará de si mesmo. Apenas obedecer desativa a auto-observância, potenciando atos imorais, pouco políticos.

O dispositivo disciplinar visa corrigir ou eliminar por via racional a parte instintiva do humano, o animalesco:

Filas na Suíça, sacos para pedir comida.

Boris Achour, artista francês: estuda a ordem, a desordem, a regularidade e o caos.

Fez uma experiência com pombos.

Milho no sítio certo e fome.

O alimento é distribuído no espaço com regularidade matemática.

E eles ficam em linha, em ordem.

Milhões de desempregados nos Estados Unidos.

A fome põe em ordem os organismos. Uma linha recta, sim, mas intempestiva e viva. Põe em ordem durante um tempo, não muito. (Tavares, 2020p)

A fome obriga o corpo a domesticar-se, a endurecer, se não for prolongada (é análoga ao medo). A pandemia cria linhas retas de corpos com fome. Também aqui vemos aplicado o dispositivo biopolítico: assegura-se que a vida dos cidadãos dure mais, ao mesmo tempo que se executam medidas preventivas de segurança. No entanto, o alimento é uma propriedade bem efémera para os mamíferos, já que a fome voltará (Tavares, 2013, p. 461). A fome não se domestica com leis, nem com discursos públicos ou métodos violentos:

A fome humana, essa, nunca amansa.

Ao contrário dos cavalos selvagens, de alguns lobos e de vários chacais.

O cavalo domestica-se à força do punho forte e à corda.

Com a repetição e por vezes ao pontapé.

Mas não podes amansar o teu estômago, que é coisa selvagem.

Não há corda, punho, pontapé ou jejum repetido que domestique.

Levanta-se o estômago a cada novo dia de manhã e diz: Quero. (Tavares, 2020o)

São mais os dispositivos do Estado para reprimir os efeitos sociais nocivos que a fome provoca, para amansar, provocar inércia, do que propriamente os existentes para erradicá-la. O Estado tem como finalidade amputar o humano após ter identificado o mal com o animalesco: “A biologia defende-se como pode, mas nunca está inocente” (Tavares, 2020r). No entanto, a maldade letal e massiva é organizada, decidida racionalmente em salas com luz forte por pessoas saudáveis e tranquilas usando tecnologia avançada. A arte é resistência porque põe o animal, domesticado a punho e corda, a falar: “Deleuze: um escritor dirige-se sempre ao animal que existe dentro do homem. Imaginar o contrário: o filósofo dirige-se à parte humana que existe no animal”

(Tavares, 2020r). Nesse movimento delirante, ou seja, “fora dos seus sulcos habituais” (Deleuze, 2000, p. 9), o corpo, emancipado do xadrez coletivo, atravessado pela intensidade da vida, pode sentir o sofrimento do mundo para fazer falar o animal que resiste a ser colocado no parque. Afirmo Deleuze (2008, p. 139): “Os resistentes são, na verdade, grandes viventes”.



Fig. 1 Boris Achour, *Alignneur de pigeons* (1996)

4. Vergonha de ser um homem

Sobressai, no *Diário da Peste*, “a vergonha de ser um homem”, considerada por Deleuze “a melhor razão para escrever” (Deleuze, 2000, p. 11).

Ela manifesta-se constatando, por exemplo, a brutalidade com que os velhos têm sido tratados. Foi-lhes ‘lançada uma sentença de morte pública pelo vírus’ e ainda foram confrontados com a condescendência de filhos e netos: “Há muito medo nos lares. É como uma ameaça pública feita aos mais velhos. O que sentirá quem tem mais de setenta anos, mais de oitenta anos?” (Tavares, 2020b).

Assistiu-se a discursos públicos que desvalorizavam mortes por COVID-19 com a justificação de que haviam ocorrido em pessoas de certa faixa etária ou com doenças associadas. Um modo violento, paternalista e ingênuo de tranquilizar a população, como se ela fosse constituída essencialmente por jovens saudáveis de vinte anos. Neste caminho para a menoridade, valoram-se mais umas vidas do que outras:

Leio: “idosos espanhóis pedem que não os discriminem nos cuidados intensivos.”

As associações de idosos e de deficientes “pedem à comunidade científica para rever os protocolos e manuais para banir qualquer indício de desigualdade e garantir que sejam absolutamente respeitosos do quadro de direitos humanos”.

Quando um humano não é igual a outro humano.

Quando 1 não é igual a 1. (Tavares, 2020d)

Um dos perigos deste momento histórico consiste no facto de uma vida, de modo subtil e insidioso, começar a não ser igual a outra vida. Hierarquizando-se o que deveria ser absoluto, abre-se a porta à barbárie. É essencial impedir que certos juízos e ideias, formulados tantas vezes de modo ligeiro ou leviano, façam casa no espírito: “Os discursos, pôr as mãos nos ouvidos. ‘Certos espíritos são comboios tão rápidos que não temos tempo de ver que estão vazios.’ É preciso fazer parar o comboio” (Tavares, 2020e). Esta citação não identificada afirma que a eloquência veloz é considerada mais importante do que o conteúdo propriamente dito. Velocidade que oculta, outrossim, o grande medo de nada ter para dizer. Daí a importância da lentidão para não digerir tudo o que se ouve sem antes tentar percebê-lo de vários ângulos, evitando o descuido e até a abjeção inerentes a discursos rápidos.

Outro motivo para sentir vergonha de ser humano: o sofrimento a que tantos têm ficado expostos em virtude do aumento explosivo do desemprego em todos os países. A entrada correspondente ao dia 13 de maio de 2020 começa assim:

A Nossa Senhora levada em carrinhas de caixa aberta.
 Dia de crença para muitos.
 Uma fé que se transporta. Fé nómada.
 Nas aldeias, pessoas aproximam-se dos cruzamentos para ver passar a imagem da Nossa Senhora.
 Algumas pessoas mais velhas ajoelham-se no cruzamento.
 O artista Santiago Sierra em tempos colocou desempregados a segurarem uma parede a 60 graus.
 Um trabalho inútil, uma provocação.
 Trabalhavam por turnos a suportar uma parede nessa inclinação exacta.
 O que aceitas fazer quando estás desempregado?
 Escrever uma lista. (Tavares, 2020m)

Parece associar-se esta manifestação de fé, no dia de Nossa Senhora de Fátima, ao trabalho de Santiago Sierra. Não se trata de desprezar a importância existencial da fé – desejar depende da fé, o desejo é coragem e resistência à dominância de valores coletivos utilitários e funcionais.³ Uma imagem antiga de desespero e medo, a das pessoas ajoelhando-se na rua à passagem da santa. Da mesma forma que cinco mexicanos foram contratados por Sierra, a troco de módicas quantias de dinheiro, para se inclinarem publicamente durante horas – o trabalho deste performer tem suscitado infinitas discussões sobre os limites éticos e morais da arte –, as pessoas ajoelham-se à passagem de uma santa.

A obra de Sierra é uma crítica violenta a uma organização social que afasta muitas pessoas da sua potência, condenando-as à fome e à indiferença. Acusa uma sociedade que convive pacificamente com o facto de milhões de pessoas estarem dispostas a fazer trabalhos humilhantes por pouquíssimo dinheiro. O desemprego provoca sofrimento, individual e familiar, grande e persistente. Desencadeia individualmente a sensação de que não se serve, não se é útil; a pessoa compreende que, mais do que uma pessoa, é uma função social, uma pessoa que perdeu o seu nome, quase um objeto que perdeu o seu uso. Sente que, no limite, uma máquina faz mais falta ao absoluto social. E percebe, a cada dia, a cada instante, que algo, que até pode não a matar, não a deixa viver.

³ Sobre a importância da fé, ler entrada de 25 de março: “Somos monges, sim, mas sem a crença. Isolar-se por medo ou precaução não é o mesmo que isolar-se por fé” (Tavares, 2020b).



Fig. 2 Santiago Sierra, *The Wall of a Gallery pulled out, inclined 60 degrees from the ground and sustained by 5 people* (2000)

*Jerusalém*⁴ já assinalava o potencial antidemocrático de elevadas taxas de desemprego (como as verificadas na Alemanha entre as duas guerras). Considere-se o momento em que Theodor Busbeck lê *Europa 02*:

O sobrevivente de um campo de concentração disse: “Os homens normais não sabem que tudo é possível.” Theodor sublinhou a frase.

Noutra página leu:

“Um judeu libertado de Buchenwald descobriu, entre os SS que lhe entregavam os seus documentos à saída do campo, um ex-companheiro de escola, ao qual não dirigiu a palavra, mas que olhou bem nos olhos. Por sua própria iniciativa, aquele que ele olhava desse modo disse-lhe: ‘Tens de compreender, tenho cinco anos de desemprego atrás de mim; comigo, eles podem fazer tudo o que quiserem.’” (Tavares, 2005, p. 139)

Trata-se de uma história recolhida por Hannah Arendt e contada no ensaio “Organized Guilt and Universal Responsibility”, de 1945. A primeira citação é do livro *The Other Kingdom* de David Rousset. Talvez a atribuição do título *Reino* à tetralogia em que *Jerusalém* está incluída tenha sido inspirada pela última obra. O narrador regista a nova direção da investigação de Theodor: “a ligação entre o desemprego e o horror” (Tavares, 2005, p. 139) e, deste modo, fica evidente o perigo potencial dos tempos que vivemos. O possível que os homens normais desconhecem será, neste contexto, o horror a que a sujeição pode conduzir.

⁴ Obra que põe em evidência que a maldade organizada e racional é muito mais violenta do que a provocada por indivíduos loucos socialmente excluídos e alguns dos quais vistos como potenciais assassinos. Enquanto isso, o perigo potencial do ódio de antigos funcionários obedientes, como Hinnerk Obst, é ignorado pela cidade.

5. Tragédia do ar e do toque

Porque esta pandemia tem afastado as pessoas, pois tocar e aproximar-se têm sido o princípio do mal, Gonçalo M. Tavares considera que estamos em presença de uma “tragédia ligada ao elemento ar” (Tavares, 2020g), configurando-se um “fim do mundo invisível” (Tavares, 2020x), ideia explorada nas últimas entradas do *Diário*. Esta invisibilidade já vem de antes, do medo, da descrença e da imobilidade geradas pela submissão a uma organização social rígida que reconduz partes substanciais do tempo individual a uma exasperada produtividade e a coações mais prazerosas na aparência, como o consumo de produtos fúteis, imagens ou entretenimento. Este outro fim do mundo, também, invisível, tem sido retomado gradualmente.

Em contraponto ao desencanto, a aspiração de D. H. Lawrence a “uma democracia em que as pessoas se tocam” (citado por Tavares, 2020k). Atacar de longe é caracteristicamente humano, mas não se salva tão eficazmente à distância, uma vez que a salvação exige proximidade, comoção, toque. Valores como a compaixão e o amor estão a desaparecer em favor da eficácia, parece dizer o verso de Lawrence, que, citado no atual contexto histórico, permite predizer que a democracia sairá diminuída sem a presença dos corpos. Este quadro civilizacional conhece, no *Diário da Peste*, linhas de fuga e encontros efémeros. A partir do retrazar destas linhas, tornar-se-á mais claro como a inacessibilidade do ar restringe o voo criador, provocando um certo frio existencial. Um trabalho para continuar a tarefa do pensamento poderá ter como ponto de partida este verso de Nietzsche: “O ar puro é consciência do instante livre” (citado por Bachelard, 2009, p. 138).

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2020). *¿En qué punto estamos? La epidemia como política* (trad. Rodrigo Molina-Zavalía & María Teresa D’Mesa). Buenos Aires: Adriana Hidalgo.
- Bachelard, G. (2009). *O ar e os sonhos* (trad. Antonio de Pádua Danesi). São Paulo: Martins Fontes.
- Cortázar, J. (2014). *O jogo do mundo (Rayuela)* (trad. Alberto Simões). Lisboa: Cavalo de ferro.
- Deleuze, G. (2000). *Crítica e clínica* (trad. Pedro Eloy Duarte). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Deleuze, G. (2008). *Dos regímenes de locos. Textos y entrevistas (1975-1995)* (trad. José Luis Pardo). Valência: Pre-Textos.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2007). *Mil planaltos. Capitalismo e esquizofrenia 2* (trad. Rafael Godinho). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Deleuze, G. & Parnet, C. (2004). *Diálogos* (trad. José Gabriel Cunha). Lisboa: Relógio d’Água.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir. Nascimento da prisão* (trad. Pedro Eloy Duarte). Coimbra: Almedina.
- Gil, J. (2018). *Caos e ritmo*. Lisboa: Relógio d’Água.

- Groys, B. (2008). *Política de la inmortalidad* (trad. Gabriela Calderón). Buenos Aires-Madrid: Katz.
- Lawrence, D. H. (2017). *Livro do Apocalipse ou Revelação de Jesus Cristo / Apocalipse* (trad. Diogo Ourique). Lisboa: Guerra & Paz.
- Mourão, L. (2018). A caixa negra do mundo: apontamentos do *Atlas*. In M. V. Pinto (Ed.). *Gonçalo M. Tavares: ensaios, leituras, aproximações* (pp. 72-93). São Paulo: Oficina Raquel.
- Rosa, J. G. (2014). *Grande sertão: veredas* (fac-símile). Lisboa: A Bela e o Monstro Edições.
- Sloterdijk, P. (2018). *Tens de mudar de vida. Sobre antropotécnica* (trad. Carlos Leite). Lisboa: Relógio d'Água.
- Tavares, G. M. (2005). *Jerusalém*. Lisboa: Caminho.
- _____ (2007). *Aprender a rezar na Era da Técnica*. Lisboa: Caminho.
- _____ (2010). *Uma viagem à Índia*. Lisboa: Caminho.
- _____ (2013). *Atlas do corpo e da imaginação*. Lisboa: Caminho.
- _____ (2020a, março 25). Diário da Peste. Sente-se aborrecido/a? *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-03-25-Diario-da-Peste.-Sente-se-aborrecido-a->
- _____ (2020b, março 26). Diário da Peste. Por vezes no mundo terrível. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-03-26-Diario-da-Peste.-Por-vezes-no-mundo-terrivel>
- _____ (2020c, março 27). Diário da Peste. A sala Tchaikovsky em Moscovo. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-03-27-Diario-da-Peste.-A-sala-Tchaikovsky-em-Moscovo>
- _____ (2020d, abril 1). Diário da Peste. Quem lava os pratos. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-04-01-Diario-da-Peste.-Quem-lava-os-pratos>
- _____ (2020e, abril 2). Diário da Peste. Quase todas as lojas fechadas. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-04-02-Diario-da-Peste.-Quase-todas-as-lojas-fechadas>
- _____ (2020f, abril 5). Diário da Peste. Ei, ei, estou aqui! *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-04-05-Diario-da-Peste.-Ei-ei-estou-aqui-1>
- _____ (2020g, abril 8). Diário da Peste. Vejo Jean-Luc Godard. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-04-08-Diario-da-Peste.-Vejo-Jean-Luc-Godard>
- _____ (2020h, abril 10). Diário da Peste. Em diferentes países. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/coronavirus/2020-04-10-Diario-da-Peste.-Em-diferentes-paises>
- _____ (2020i, abril 25). Diário da Peste. Notícias do mundo mais lento. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-04-25-Diario-da-Peste.-Noticias-do-mundo-mais-lento>

- _____ (2020j, maio 4). Diário da Peste. Aguardamos instruções do Estado para nos aproximarmos da alegria. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-05-04-Diario-da-Peste.-Aguardamos-instrucoes-do-Estado-para-nos-aproximarmos-da-alegria>
- _____ (2020k, maio 6). Diário da Peste. Estão com fome e perderam o medo. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-05-06-Diario-da-Peste.-Estao-com-fome-e-perderam-o-medo>
- _____ (2020l, maio 9). Diário da Peste. O elegante movimento do cavalo. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-05-09-Diario-da-Peste.-O-elegante-movimento-do-cavalo>
- _____ (2020m, maio 14). Diário da Peste. Uma fé que se transporta. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-05-14-Diario-da-Peste.-Uma-fe-que-se-transporta>
- _____ (2020n, maio 16). Diário da Peste. Manter a alegria acima de um certo limite. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-05-16-Diario-da-Peste.-Manter-a-alegria-acima-de-um-certo-limite>
- _____ (2020o, maio 22). Diário da Peste. Uma nova cor no mundo: nuvem negra transparente. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-05-22-Diario-da-Peste.-Uma-nova-cor-no-mundo-nuvem-negra-transparente>
- _____ (2020p, maio 24). Diário da Peste. A recta como o caminho do mal. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-05-24-Diario-da-Peste.-A-recta-como-o-caminho-do-mal>
- _____ (2020q, maio 30). Diário da Peste. O porquê continua a ser o santo Graal de cada coisa. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-05-30-Diario-da-Peste.-O-porque-continua-a-ser-o-santo-Graal-de-cada-coisa>
- _____ (2020r, junho 7). Diário da Peste. O tempo deixou de ser neutro, até os minutos tomam posição. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-06-07-Diario-da-Peste.-O-tempo-deixou-de-ser-neutro-ate-os-minutos-tomam-posicao>
- _____ (2020s, junho 9). Diário da Peste. Fielmente luto por tempo mais belo. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-06-09-Diario-da-Peste.-Fielmente-luto-por-tempo-mais-belo>
- _____ (2020t, junho 13). Diário da Peste. O uivo da mãe à janela. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-06-13-Diario-da-Peste.-O-uivo-da-mae-a-janela>
- _____ (2020u, junho 14). Diário da Peste. A história não funciona assim. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-06-14-Diario-da-Peste.-A-historia-nao-funciona-assim>
- _____ (2020v, junho 16). Diário da Peste. Levai-me de novo para casa, levai-me de novo para o mundo. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-06-16-Diario-da-Peste.-Levai-me-de-novo-para-casa-levai-me-de-novo-para-o-mundo>
- _____ (2020w, junho 17). Diário da Peste. As libelinhas aproximam-se dos cogumelos. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-06-17-Diario-da-Peste.-As-libelinhas-aproximam-se-dos-cogumelos>

_____ (2020x, junho 19). Diário da Peste. Penso num fim do mundo que passa despercebido. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-06-19-Diario-da-Peste.-Penso-num-fim-do-mundo-que-passa-despercebido>

_____ (2020y, junho 21). Diário da Peste. Diante do acontecimento ficar atento e em pé. *Expresso*. Consultado em <https://expresso.pt/opiniao/2020-06-21-Diario-da-Peste.-Diante-do-acontecimento-ficar-atento-e-em-pe>

Tavares, G. M. & Marques, C. V. (2020). Conversas Confinadas – Gonçalo M. Tavares. Consultado em <https://www.youtube.com/watch?v=V4gHGy8Oyvc&t=1s>

Virilio, P. (2010). *El accidente original* (trad. Irene Agoff). Buenos Aires-Madrid: Amorrortu.